

I

A VIAGEM

1.

Há sol, uma luz forte que decompõe a secura num emaranhado de ramos, espinhos, sons quebradiços. O homem avança e rompe a teia de acácias, cardos e giestas como se não a visse. Tem um destino: andar em frente, não se desviar da linha recta que principiou não se sabe onde e vai não se sabe para onde, meridiano que divide o mundo em duas metades: à esquerda e à direita, os mesmos ramos secos, as mesmas folhas velhas, as mesmas raízes nodosas, da cor da terra, que saem da terra como montes de terra, onde ele tropeça, os mesmos ninhos vazios, enovelados na forquilha dos galhos, riscos furiosos, a mesma fúria que os desenhou; à esquerda e à direita, gai-votas ressequidas, presas nos espinheiros, asas abertas num voo terminal: debateram-se nessa armadilha e exaustas deixaram-se morrer, aos estremeções, cada vez mais espaçados, até se tornarem desenhos definitivos: pouco a pouco, a sua carne mirrou, as penas confundiram-se com as folhas, os ossos com os troncos e o bico com os espinhos, pouco a pouco, uma longa paciência apagou-lhes o voo e a vida, e transformou-as numa vegetação árida, com o vento, o desenho partiu-se, os ossos separaram-se das penas e caíram na terra, num rumor de sementes, ou de pingos de chuva, quando a chuva começa, sons dispersos que se estilhaçam em pequenos e múltiplos sons; à esquerda e à direita, as mesmas vagens secas, torcidas pelo sol e agarradas aos troncos como sanguessugas, o mesmo dia de vidro riscado. O homem parou. Em volta, o silêncio repetese num eco e a luz é o traço nítido dos arbustos, luz de sombra que

duplica o bosque e o torna mais espesso. O homem tem a cara cheia de arranhões, gotas de sangue coagulado, a pele dos lábios separou-se dos lábios, película translúcida que o calor estremece, formigas subiram-lhe para as botas, para as pernas, chegam-lhe às mãos, aos braços, ao pescoço, contornam-lhe o queixo tacteando-o, ele sacode-as, mas elas retornam, persistentes, à minuciosa indagação. Não espera. Este homem não espera. Também não sabe porque parou. Uma formiga está no seu lábio, ele esmaga-a com a mão aberta, depois cospe, mas nem força tem para cuspir, e a saliva escorre-lhe pelo queixo, arrastando os restos do bicho esmagado. O homem ficou tempo de mais parado, e isso desorientou-o: o sentido do seu movimento renascia a cada passada, o sentido de cada passada era a passada seguinte, agora, esse desígnio tão breve desapareceu, e ele deixa-se cair, isto é, ajoelha-se, põe as mãos na terra e fica de gatas, os braços tremem-lhe ao peso do corpo, dobram-se, e o tronco resvala para a frente e aproxima-se do chão, até ficar sobre ele: os cotovelos espetados para cima como patas de gafanhoto. Respira. E as folhas secas estilhaçam-se sob o peito. Junto à sua boca, há a casca vazia de um caracol e, mais longe, um pardal a ser comido pelas formigas, que formam uma massa instável e trémula, em pequenos movimentos baços: ora descobrem a cabeça do pássaro reduzida a um crânio que a fome transformou numa escultura frágil e exacta, ora a cobrem de uma procura ansiosa, vasculham o labirinto de ossos, tacteiam, indagam, recomeçam, algumas aproximam-se do homem deitado, afloram com as antenas a mão aberta na terra, sobem-lhe aos dedos, vão às unhas e ao pulso, avançam para a manga do casaco, hesitam, e voltam para trás. Os olhos do homem estão abertos como os de um morto, e recebem a azáfama das formigas, as folhas das giestas semelhantes a caruma seca, as cascas vazias de caracóis de onde saem pequenas centopeias, as sementes penugentas dos cardos, aranhaços empurrados pelo calor, as teias esfiapadas que pendem dos ramos como uma cola translúcida, os troncos estalados das acácias, a secura ramificada que parte a luz, a sombra desenhada da secura: insectos, arbustos, árvores, ossos, terra. Os olhos do homem, abertos, atónitos, são o obturador de uma máquina fotográfica, o mundo entra neles com a sua indiferença, o tempo inclina a luz, e a ausência de cor alastra, a cor única da ausência, desenha os contornos, progride para o interior das

coisas, explode e espalha-se pelo mundo. A escuridão. Ou os olhos fechados. Os olhos de quem?

2.

o sol. Um instante não se segue a outro. E os passos são um equívoco. O lugar é o mesmo. A luz tem os seus habitantes: vultos instáveis que explodem e caem, em pequenos novelos de cor, e sujam o dia perene do mundo. Ou os olhos do homem. Quando ele pára, os pés enterram-se na areia, num vagar cheio de ruído, obrigando-o a abrir os braços, as mãos, como quem procura apoio, os dedos afastados uns dos outros.

O sol rodeia-o e não o deixa cair.

Tudo é sol.

Eis o outro nome do esquecimento.

O nome.

E a areia movediça. Que o tolhe.

À sua frente, o verde recortado dos cardos: moitas por onde se infiltra o dia, suspensas num branco rutilante. De vez em quando, o sol apaga-se, os pés resvalam atabalhoados, e ele cai, a tremer. Os cardos são tudo o que vê nessa queda: mais perto, sempre mais perto, numa aproximação interminável: folhas carcomidas de fungos, atravessadas por rastos de baba que lesmas e caracóis deixaram nelas.

O homem não pára de cair.

Não pára

e mergulha no som da secura a partir-se,

som da sua queda,

dói-lhe,

uma dor confusa

por todo o corpo,

as mãos sangram, num escorrer pegajoso, cheio de moscas, uma carocha move-se, tão perto dele: um esforço, o desta carapaça minús-

cula, baça e rígida, que devora a luz, esvazia-a de brilho, não a mata, mas seca-a em preto, detrito obstinado, numa caminhada que a areia tenta impedir, este preto coeso força e avança, deixando um rasto intermitente, às vezes é empurrado para trás, pela duna que se desmorroneia, ele porém insiste, e pouco a pouco afasta-se, máquina eficaz que o movimento fabrica, com a teimosia dos destinos mecânicos, há um desígnio, nesse esforço, a que a carocha é alheia, uma qualquer meta que ela desconhece.

Não: murmura o homem.

E levanta a cabeça: tem areia nos cabelos, nas pálpebras e nos lábios, tem areia na testa e no nariz, à sua volta, juncos ralos dobrados pelo vento, marcas de patas de gaivota, um ovo seco, sujo de excrementos, com uma penugem agarrada que o vento estremece.

E a placa azul do mar.

Não: murmura o homem.

E ajoelha-se, os espinhos atravessam-lhe as calças e enterram-se nas pernas.

Não: volta ele a murmurar.

O braço esquerdo retraído,
a mão em concha entreaberta, resguarda o vazio,
junto ao corpo, não sabe acabar um gesto,
o gesto,
e espera, na eternidade de um gesto inacabado,
a sair da neve: pó grosseiro
que a solidifica num movimento convulsivo,
um soldado olha-a e fuma, enquanto a bota descreve círculos no branco, por fim, ergue-se, fica um instante no ar, o soldado oscila e dá um pontapé naquela mão, que abana como um galho seco.

E o homem recomeça.

A viagem:

os passos nascem-lhe nas ancas, não movem o tronco nem a cabeça, levantam chapadas de areia que cai nos cardos e juncos, nos restos de plástico e nas folhas de jornal amareladas, nas latas de cerveja e nas redes podres, num som pontilhado.

O homem não descansa, sobe duna após duna, inclinado, numa pressa oscilante. As moscas acompanham-no.

Vai.

Pelo mesmo.

O mesmo.

O mesmo

3.

passos de água, quando? até quando?

passo a passo a água ensopa o cabedal, entra nas botas, e morre nos pés, água suja e mole, de um pântano, estende-se a perder de vista, manchada de pequenas ilhas de mosquitos, pequenas ilhas de zumbidos reverberantes. Cintilações. Os pés despegam-se do lodo, som opado. Um bater de asas, curto, liga um instante ao outro. O suor é um bicho na cara. Bolas de luz crescem-lhe nos olhos: o silêncio total da luz. Até tudo ser luz. Uma palavra diz-se rente à lama, e não há resposta, uma palavra recolhe-se na lama, e abandona o homem:

é preciso esquecer para andar, talvez assim se chegue, isto é, se consiga fixar o som aos sítios, não o deixar afastar-se, como a música do violoncelo que sai das janelas abertas da grande casa, e atravessa o jardim, só castanheiros nus e bancos molhados, para lhe chegar intacta aos ouvidos.

Está frio

e a melodia é um atalho para um nome que teima em esconder-se, quer dizê-lo, a música porém afasta-se, ou ele dela, ou um para um lado e a outra para outro, e o som dos passos cresce nesse hiato, também o do coração na cabeça, e o homem inclina-se, quem sabe se para os ouvir melhor, e escorrega numa pasta de folhas mortas, e cai, encostado a um muro, ao longo do muro, a querer agarrar-se ao muro, as mãos rasgadas pela aspereza do muro, até ficar sentado no passeio, encolhido, de vez em quando, um pingo de chuva atinge-lhe a cabeça, o casaco, um pingo desgarrado, e ele encolhe-se mais, quase se sente confortável no pequeno movimento de se reduzir, ficar assim para sempre, mas não pode, e tenta levantar-se, os pés deslizam, as pernas atravessadas no passeio são dois trambolhos, uma mulher desvia-se delas, uma criança salta-lhes por cima, um